

# ARTIGOS

# A reinvenção popular do sagrado no contexto da Reforma

Antero Luiz Amadeu\*

## Resumo

A *História dos Annales*<sup>1</sup>, enquanto movimento historiográfico, contribuiu significativamente para os estudos nessa área. Esse jeito próprio de se entender a história tem priorizado os valores de grupos minoritários em diferentes locais, em detrimento de teorias mais gerais. Nessa perspectiva, este artigo objetiva analisar, entre a Reforma Protestante e a Revolução Industrial, as ideias secundárias na Revolução Inglesa. Descrever a natureza da revolta popular desencadeada durante essa revolução por grupos como os seekers, os ranters e os quacres. Apontar como tais grupos, sobretudo este último, buscaram, com suas ideias e falas radicais, impor soluções para os problemas de seu tempo.

**Palavras-chave:** revolução inglesa; ideias radicais; sagrado; seekers; ranters; quacres.

## Reinventing sacred people in the context of Reform

### Abstract

The *History of the Annales* as historiographical movement contributed significantly to studies in this area. This proper way of understanding history has prioritized the values of minority groups in different locations at the expense of more general theories. In this perspective, this article aims to analyze, among the Protestant Reformation and the Industrial Revolution, the ideas in secondary English Revolution. Describe the nature of the popular revolt during this revolution by groups like the seekers, ranters, and

---

\* Licenciado em Filosofia com Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atua como docente no Ensino Médio e Superior. E-mail: anteroluiz@yahoo.com.br .

<sup>1</sup> De modo geral é conhecida na França como “a nova história” – *La nouvelle histoire*. Título dado a uma coleção de ensaios editada pelo francês Jacques Le Goff que, também, colaborou na edição de uma coleção de ensaios sobre “novos problemas”, “novos objetos” e “novas abordagens”. De modo específico, trata-se da história associada à chamada *École des Annales*, organizada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Esta obra foi publicada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, ainda que sua semente remonte a anos anteriores. Em 1900, a expressão *histoire événementielle* – “história centralizada nos acontecimentos” foi utilizada por Karl Lamprecht ao desafiar o paradigma tradicional. Trata-se de uma manifestação das ideias de estudiosos da revista *Année Sociologique* de

quacres. Pointing to such groups, especially the latter, thought, with their radical ideas and speeches, impose solutions to the problems of his time.

**Keywords:** English revolution; radical ideas; sacred; seekers; ranters; quacres.

## La reinvencción popular del sagrado en el contexto de la Reforma

### Resumen

La *Historia de los Anales* mientras movimiento historiográfico contribuye significativamente para los estudios en esa área. De esa manera propia de si comprender la historia tiene dado prioridad a los valores de grupos minoritarios en diferentes locales en detrimento de teorías más generales. En esa perspectiva, este artículo objetiva analizar, entre la Reforma Protestante y la Revolución Industrial, las ideas secundarias en la Revolución Inglesa. Describir a la naturaleza de la revolución popular desencadenada por grupos como los seekers, los ranters y los quacres. Apuntar como tales grupos, además del último, han buscado con sus ideas y fallas radicales, imponer soluciones para los problemas de su tiempo.

**Palabras-clave:** revolución inglesa; ideas radicales; sagrado; seekers; ranters; quacres.

### Introdução

Apesar de a Reforma Protestante<sup>2</sup> do século XVI ter ocorrido no âmbito religioso, desencadeou grandes transformações na sociedade europeia em geral e, consecutivamente, por todo o mundo ocidental.

No continente europeu, especificamente na Inglaterra, aconteceu outra reforma. Essa reforma teve início por ocasião de uma defesa feita pelo Rei Henrique VIII aos sete sacramentos em 1521. Diferentemente da Reforma Luterana, com cunho nacionalista, a Reforma Henriquina focou questões político-eclesiológicas.

Nesse cenário, tem-se de um lado essa Reforma declarando sua independência nacionalista frente à Espanha e o Império Habsburgo. Do outro, a Revolução Industrial<sup>3</sup> com sua superioridade material sobre os

<sup>2</sup> Movimento religioso surgido no século XVI cujo protagonista principal foi Martinho Lutero. Este teólogo subtraiu uma parte da Europa à obediência do Papa, dando origem às Igrejas protestantes. Cf. SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, v. II. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 2.180 (verbete: REFORMA PROTESTANTE).

<sup>3</sup> Revolução Industrial designa a totalidade das rápidas transformações ocorridas nos campos econômico, técnico, social e intelectual, que provocaram o surgimento da sociedade industrializada na Grã-Bretanha entre 1760 e 1860. A expressão é de origem francesa e data dos primeiros anos do século XIX, servindo de comparação entre a Revolução Francesa e as mudanças que então ocorriam na Grã-Bretanha. Seu uso difundiu-se nos círculos acadêmicos por ocasião da publicação de *Lectures on the Industrial Revolution in England*, de Arnold J. Toynbee. Cf. FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Instituto de Documentação. *Dicionário de ciências sociais*. Coordenação geral de Benedicto Silva. Rio de Janeiro: FGV, 1986. p. 1077 (verbete: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL).

demais países. Entre esses dois acontecimentos ocorreram revoluções que ficaram registradas na história como “Revolução Inglesa”. Em meio a essa Revolução, desencadearam-se revoltas com conotações sociais e religiosas. Essa “crise”, como sugere Christopher Hill, que nos bastidores tomou um sentido radical, se levada a cabo, poderia ter provocado grandes mudanças na sociedade inglesa.

Porém, diferente das demais revoltas constantes na história e protagonizadas pela classe dominante, tal revolta aconteceu entre as classes populares a partir de ideias radicais. Este trabalho propõe explicar essas ideias relacionadas ao sagrado na história popular em duas grandes partes. Na primeira, mostrar um panorama do contexto popular onde ocorreu tal fenômeno. Na segunda, fazer uma explanação das principais tradições, tanto seculares quanto religiosas, onde essas ideias floresceram e, especificamente, as ideias mais radicais.

## O contexto popular

Historiador do século XVII, Christopher Hill nasceu em 1912 em York Shire, Inglaterra. Seu trabalho se destacou com o estudo das revoluções de 1640 e 1660, sob o ponto de vista econômico, cultural e religioso. Como professor em Oxford, publicou: “*A Revolução Inglesa de 1640*”, “*Lenin e a Revolução Russa*”, “*God’s Englishman*” e “*A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*”.

Porém, é em “*O Mundo de Ponta-Cabeça*” que o autor relata uma história das classes oprimidas e não da classe opressora. Defende que, nessa história, os atores, na verdade, não eram membros da burguesia e tampouco da aristocracia. Num clima de embate religioso, liberal e democrático, entre os realistas e parlamentares, Hill enfatiza outro grupo, isto é, as classes populares em sua luta contra a dominação.<sup>4</sup>

Todavia, escrever uma história das classes populares tem seus próprios percalços. Segundo Jim Sharpe, a preocupação de se escrever uma história alternativa teve seu primeiro rumor com Bertold Brecht em 1936, com *Perguntas de um Operário que lê*. Porém, foi somente após algumas décadas, com uma obra de Edward Thompson, que a chamada *história vista de baixo*<sup>5</sup> atraiu

<sup>4</sup> HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 16.

<sup>5</sup> Modo de escrever a história inspirado por Thompson, sobretudo, a partir da obra *A formação da classe operária inglesa* de 1963. Além de analisar o processo de mudanças econômicas e políticas, examina o lugar da cultura popular. A influência de seu trabalho sobre os jovens historiadores é visível no movimento “History Workshop”. Foi por meio de conferências, de sua revista, artigos e seminários, que Thompson inspirou muitos autores a escrever história “a partir de baixo”. Cf. BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 30-31.

a atenção dos historiadores. Uma das principais dificuldades encontrada por eles, de imediato, está relacionada à inacessibilidade das fontes. Embora sejam de suma importância, é evidente que as preocupações não se restringem somente a esta questão, o que será colocado mais adiante. Outros tipos de problemas, tão importante quanto às fontes, estão bem presentes. Segundo Sharpe, eles dizem respeito à evidência dada a essa temática, isto é, qual história é considerada popular, bem como à sua conceituação.

No primeiro caso, tem-se a história popular do princípio da Europa moderna como um bom exemplo, ainda que a variedade de grupos já fosse uma realidade na ocasião. O segundo – e aqui é o que mais interessa – diz respeito ao propósito de se escrever uma história desse tipo. Neste caso, o principal ícone é a história do trabalho na Inglaterra. Porém, outro problema aqui é suscitado. Ao se conceituar a história, corre-se o risco de ficar limitado por duas vias.

Na primeira, a história social do trabalho restringe a história das classes populares à Revolução Francesa, ou seja, a um período específico. Em outros termos, esse tipo de história só poderia ser escrito a partir da própria Revolução. E aqui retornamos à questão das fontes utilizadas.

Segundo Sharpe, citando Eric Hobsbawm, a ideia de uma história popular deu seu primeiro sinal por volta de 1789. Esse acontecimento esteve vinculado, em grande medida, com os movimentos trabalhistas do século XVIII. Nesse sentido, houve a influência da Revolução Francesa pelo fato de os atos das pessoas comuns serem burocraticamente registrados. A partir daí, a posteridade só conseguiu fazer uma reconstrução de uma história popular com base em documentos indiretos. Nesse sentido, depara-se não só com problemas conceituais e ideológicos, mas, também, metodológicos.<sup>6</sup>

A resposta a essa questão, para Carlo Ginzburg, está vinculada à superação do termo cultura pertencente à antropologia cultural. Nessa superação, aparece o conceito de “cultura primitiva” ao se reconhecer uma cultura existente nas classes inferiores. Dessa forma, há uma conscientização no sentido de superar também algumas ideias. As novas ideias partem daqueles que defendem que a visão de mundo dos desfavorecidos é fruto das ideias e crenças geradas anteriormente por classes dominantes. No entanto, para este autor, os problemas ultrapassam esses limites, mas com um agravante. Além da esfera ideológica, seguindo o mesmo raciocínio, esbarra-se na questão metodológica, pois, mesmo hoje, a cultura popular

---

<sup>6</sup> SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 40-46.

é oral. Como os historiadores não conseguem conversar com o passado, se tornam dependentes de documentos cunhados por classes dominantes.<sup>7</sup>

Para Ronaldo Vainfas, Ginzburg é um dos historiadores que abandonou o conceito de *mentalidade*. Em detrimento deste, optou pelo conceito de *cultura popular* enquanto somatória de atitudes, crenças e códigos de comportamento das classes subordinadas em determinado período histórico. Por um lado, define cultura popular opondo-a à cultura dominante. Nisso reside sua preocupação em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Por outro, a concebe nas relações com a cultura dominante ao ser filtrada pelas classes dominadas de acordo com seus valores e condições, donde o conceito de *circularidade cultural*.

Daí a importância do trabalho de Ginzburg para o que se propõe aqui. Inspirado em Mikhail Bakhtin, o historiador italiano publicou *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trata-se, especificamente, do estudo das ideias de Menocchio, condenado e morto pelo Santo Ofício, provavelmente em 1600. Ao contrário de ser uma espécie de micro-história desarticulada, nela o autor propõe retratar o conflito de classes na esfera cultural. Um exercício teórico cujo objeto é um processo de circularidade cultural personificado por Menocchio que, por saber ler, filtrou textos produzidos pela classe dominante por meio de valores da cultura camponesa.<sup>8</sup>

A outra via de restrição, vinculada ao movimento social trabalhista, limita a história popular sob o conceito marxista de história. Sharpe reconhece as relações feitas por historiadores marxistas entre história popular e movimentos sociais. Entretanto, entende que estes são capazes de ultrapassar tal limite na reconstrução de uma história popular.<sup>9</sup> Isso vai de encontro com o pensamento de Hill que, mesmo marxista, busca a reconstrução de uma história popular em detrimento de uma luta de classes. O assunto de Hill é o exame da revolta popular e das ideias radicais por ela provocadas. Por conseguinte, em *O Mundo de Ponta-Cabeça* o autor sugere uma reinterpretação da história para estudar as causas internas e externas dessa revolta, enquanto berço de ideias reveladoras de uma sociedade comum após a guerra civil.

Entretanto, aqui também existem problemas, talvez de outra ordem. Para Hill, há uma grande dificuldade ao tentar distinguir quem são os políticos, os céticos e os religiosos, pois as coisas não eram tão claras. Os homens

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 16-18.

<sup>8</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 151-152.

<sup>9</sup> SHARPE, 1992, p. 44.

trocavam de grupo com certa facilidade, dificultando uma distinção entre eles. Porém, havia aqueles que se preocupavam em contribuir com algum tipo de solução.<sup>10</sup> Apesar dessas diferenças, não se pode entender que tal acontecimento – que é o objeto de estudo do autor – tenha ocorrido em um único lugar, ou seja, na Inglaterra vista como um todo. Esses grupos se encontravam em locais diferentes, organizados de maneira a formar, como nas palavras de Jean-Claude Schmitt, “fronteiras internas”.

Para Schmitt, é grande a quantidade de *marches* (marcas) ou zonas fronteiriças no mundo ocidental. Dessa forma, tanto um reino como um espaço senhorial tem a sua *marche*. Este termo, ao mesmo tempo, indica vários espaços existentes e dispostos uns sobre os outros e sugere aquilo que separa o mundo dos homens. Esse “mundo”, onde nasceram às ideias radicais, também tinham suas fronteiras internas.<sup>11</sup>

De acordo com Hill, tal mundo era dividido, basicamente, em três partes: as florestas, a cidade de Londres e os cantos escuros do reino. Nesses locais predominava um clima de liberdade bem diferente da sociedade feudal, caracterizada por total lealdade entre o homem e seu senhor. Ao contrário, foram locais que serviram como berço para esses acontecimentos.

Todavia, esses três locais não foram os únicos onde as revoltas ocorreram, embora tenham proporcionado grande mobilidade. Todo esse panorama foi marcado por grandes tensões sociais como pano de fundo. Antes de 1640 era grande a inimizade entre as classes. Conforme a população aumentava, Londres ia se tornando um campo de refugiados medíocres. Muitos homens ali foram responsabilizados por questões antissociais por não assumirem seus atos. Essa diferença de classes se intensificou devido a uma crise econômica que se seguiu de 1620 a 1650, somada à insegurança herdada do período medieval. Os grupos que basicamente formavam esse quadro eram os *Homens sem Senhor*, o *Exército de Novo Tipo* e os *Grindlentonianos*.

Os *Homens sem Senhor*, que já somavam em meados do século XVI cerca de treze mil, com a maior parte instalada ao norte, estavam divididos em quatro grupos. O primeiro, formado por vagabundos e mendigos a procura de emprego, era visto como um bando de refugiados sem lugar dentro de uma sociedade em plena expansão. Compunha o segundo grupo, antigos membros da Igreja Estatal e agora pertencentes a diversas seitas protestantes. Havia também o grupo formado por camponeses pobres, moradores de choupanas e os invasores de terrenos comunais nas florestas. E o quarto grupo, composto de artesãos itinerantes, bufarinheiros, carroceiros e os corretores comerciais

<sup>10</sup> HILL, 1987, p. 30-31.

<sup>11</sup> SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 266-267.

de grãos. Mas havia, ainda, um grupo não influenciado pela política ou pela religião. Conhecidos como a “populaça”, eram pessoas cuja vida econômica se concentrava abaixo da linha da pobreza. Estes viviam refugiados na cidade de Londres como verdadeiros marginalizados.

O termo marginal, para Jean-Claude Schmitt, refere-se a um movimento que, primeiramente nos Estados Unidos e depois na Europa, questionou alguns dos valores capitalistas burgueses, entre eles, a moral sexual, a família e o progresso. Mas também sugere o tipo de marginal latente formado por um contingente bem maior. Diferente do primeiro, mas bem parecido com a populaça inglesa do século XVII, esta classe sofria injustiças bem maiores.<sup>12</sup>

Em segundo, também composto por homens sem senhor, um grupo de agitadores conhecido como *Exército de Novo Tipo*. Considerado um ícone do povo inglês, sua principal característica era a motivação política, a ponto de suas ideias serem comparadas a uma semente. Após a vitória militar, o pensamento dos soldados se desenvolveu de forma acelerada. Possuíam uma mobilidade tão intensa que atravessavam o país de um extremo ao outro misturando todo tipo de gente. Sua trajetória foi tão marcante que se cogitou a ideia de serem os representantes do povo de Deus na Inglaterra. Enquanto protagonistas da luta em prol da liberdade religiosa, o Exército possuía seus capelães pregadores e até mesmo suas igrejas denominadas de “Igrejas da Reunião”.

Os *Grindlentonianos* ou seita de Glindlenton nasceu, provavelmente, a partir dos familistas que se instalaram nesse local em repúdio à ortodoxia religiosa. Nas terras onde estavam instalados existia uma forte tradição de independência, tanto que na paróquia não havia pastor residente, apenas um vigário. Essa recusa à ordenação, somada à autoridade do Espírito em detrimento da Bíblia, e a possibilidade de viver sem pecado ainda em vida, constituíam suas convicções.<sup>13</sup>

Em suma, este é o cenário onde ocorreram as revoltas populares na Inglaterra. Todo esse contexto parece estar dentro dos traços estruturais apresentados por Schmitt em sua concepção de “margens do mundo” na Europa Ocidental entre os séculos XI e XVIII, podendo-se destacar “lento desenvolvimento, a partir do século XI, das cidades e da economia artesanal e mercantil; importância considerável, em todos os pontos, da religião e do poder ideológico da Igreja”.<sup>14</sup> Em grande medida, na ocasião existiam, entre os grupos, algumas tradições religiosas e outras seculares. Todas próximas às

<sup>12</sup> SCHMITT, 1998, p. 263.

<sup>13</sup> HILL, 1987, p. 55-96.

<sup>14</sup> SCHMITT, 1998, p. 265.

sociedades entre fins do século XVI e século XVII na luta contra o poder ideológico da Igreja, cada qual com sua ideia.

## **Ideias seculares e religiosas**

Ainda que todo esse pano de fundo, por assim dizer, seja inglês, há que se levar em conta algo importante. Em certa medida, a visão de mundo ainda era imbuída do pensamento medieval. No entanto, trata-se de um conceito muito geral no estudo das ideias populares. Nesse sentido, ao discutir o problema concernente ao conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII, Ginzburg busca uma especificidade entre a cultura popular, o que pode muito contribuir ao que se propõe aqui. Mostra como, no início do primeiro milênio, a expressão latina “*nolli altum sapere*”, presente em *Romanos 11.20* na *Vulgata* de São Jerônimo, foi totalmente distorcida. O verbo “*sapere*” deixou de ter um significado moral – “sê sábio” e passou a ter um significado intelectual – “conhecer”.

De acordo com este autor, grosso modo, os comentadores medievais e renascentistas interpretaram-na como uma admoestação contra o orgulho espiritual. Além disso, os escritos de Pelágio e Erasmo de Roterdã, apesar de distantes por mais de mil anos, criticam o significado dado à referida passagem como se o Apóstolo Paulo tivesse condenando o desejo pela sabedoria. Apesar disso, no século III, por exemplo, Lactâncio definiu “*sapere*” como *procurar a verdade*. No século seguinte, Ambrósio conotou o mesmo conceito como *saber*. Isso se deve ao fato de Jerônimo ter traduzido a palavra chave *jronen* nas duas passagens seguintes – *Rom. 12.3* e *Rom. 12.16* – como “*sapere*”. De qualquer modo, durante séculos, as palavras de Paulo foram citadas fora do contexto por laicos e religiosos. Em termos de religião, não é de se duvidar, portanto, que *Rom. 12.3* seja uma advertência contra a curiosidade intelectual dos “hereges”<sup>15</sup>.

Por outro lado, a expressão adverbial “*altum*” foi interpretada como um substantivo cujo significado é *aquilo que está no alto*. Essa questão, para Ginzburg, tem implicações ainda maiores pelo fato de a humanidade conceber a realidade em termos de opostos como, por exemplo, luz e sombra e calor e frio. Porém nenhuma delas é tão universal quanto alto e baixo, pois há um profundo significado na medida em que se coloca no alto aquilo que possui maior valor. Nesse sentido, as civilizações, de modo geral, atribuíram o céu a Deus ou ao poder cósmico. De modo mais específico, nota-se, nas línguas indo-europeias, o simbolismo de “*alteza*” atrelado à política.

Mas a pretensão de se conhecer as coisas altas, advertidas pela *Vulgata*, estendia-se a outros patamares da realidade. À realidade cósmica: a proibição

<sup>15</sup> As aspas são minhas.

aos segredos da natureza (*arcana naturae*). À realidade religiosa: a proibição aos segredos de Deus como o dogma da Trindade ou a predestinação (*arcana Dei*). À realidade política: a proibição acerca dos mistérios da política (*arcana imperii*). Todos ligados entre si por um valor ideológico. Assim, tais valores traduzidos da frase paulina “*nolli altum sapere*”, unificados como “alto”, tinham triplo objetivo. O primeiro visava conservar a hierarquia política e social contra os políticos subversivos. O segundo, reforçar o poder da Igreja e com isso impedir que grupos heréticos tivessem acesso aos dogmas. O último tinha como intenção desviar a atenção dos pensadores quanto ao pressuposto aristotélico-ptolomaico relativo ao cosmo.<sup>16</sup>

No caso do contexto inglês, o desencadeamento das ideias tiveram como marco a derrota e execução de Carlos I frente ao Parlamento e a grande necessidade de reconstrução após a guerra civil. Os comerciantes e a pequena nobreza, enquanto apoiadores do parlamento, desejavam agora, segundo seus desejos e valores, trazer de volta as instituições da sociedade. Com isso, no meio de um clima bastante intelectual e com facilidade de movimentos, tanto os valores existentes como a ética protestante foram questionados. Somente com a intervenção de Oliver Cromwell é que o poder da nobreza e do rei foi resgatado.<sup>17</sup>

Na memória popular, Cromwell personificou a revolução inglesa de maneira destrutiva e violenta. No entanto, havia nele uma preocupação com a tolerância religiosa, com o comércio e a grandeza da Inglaterra. Foi um grande protagonista da liberdade de pensamento e de oportunidades. Contra o dogmatismo, o privilégio e a simulação, foi um conservador da consciência de classe. Enfim, um humano, mas também um político astuto que, por meio de artimanhas, buscava preservar o regime militar tão odiado.<sup>18</sup>

Esse é o quadro inicial de uma revolução que na verdade não aconteceu, mas que poderia ter tirado o caráter oficial da Igreja Anglicana e, consequentemente, estabelecido uma grande democracia. No meio desse clima de tensão, não se distinguia religião, política e ceticismo.

## Ideias seculares

Para Hill, mesmo sem essa distinção, entre as classes populares, alguns grupos podiam ser concentrados de acordo com as soluções que apresentavam. No caso dos *levellers* e dos *diggers*, elas eram de ordem, sobretudo, política e econômica.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 95-100.

<sup>17</sup> HILL, 1987, p. 31-32.

<sup>18</sup> HILL, Christopher. *O eleito de Deus*. Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 239 e 244.

Os *levellers*, cujo nome ficou conhecido por derivar do verbo *to level* (nivelar) concentravam suas forças na intenção de nivelar as condições sociais de então, pelo fato de estarem mais próximos do exército. Isso fez com que aspirassem à conquista da liderança em Londres. Apesar de atuarem na política de forma muito racional, conseguiram ter contato com agitadores e conquistar a simpatia dos militares de todos os escalões. No entanto, grande parte dos simpatizantes desse grupo, no fundo não compartilhava totalmente com seu ponto de vista. E isso, talvez seja suficiente para esclarecer o fato de nunca terem constituído um partido disciplinado e unido com uma doutrina clara.

Os *diggers*, nome derivado do verbo *to dig* (cavar), se diziam *levellers* autênticos. Em 1607, por ocasião de uma revolta, os nomes “*leveller*” e “*digger*”, já haviam sido utilizados pelos seus participantes. Em um local da Inglaterra denominado colina de St. George foi registrado o primeiro grupo de *diggers*, apesar de ainda serem tratados de *levellers*. Além deste, existiam outras comunidades *diggers* como Welligborough, Cox Hall e Iver. Em determinada ocasião, ao passarem por uma grande crise tendo como consequência a fome, os *diggers* resolveram cavar, adubar e semear a terra. Em Cobham Heath, outra ocasião em que houve falta de dinheiro, alguns emissários saíram a pedir ajuda financeira.<sup>19</sup> Nesse ínterim, isso pode ter contribuído para consciência de classe entre os *quacres*<sup>20</sup>.

Essas ideias, portanto, em certa medida desencadearam transformações no contexto social inglês do século XVII. Apesar disso, não causaram tantos rumores quanto os grupos religiosos. Estes, ao tentarem solucionar seus problemas, estiveram a ponto de reinventar o sagrado com suas ideias radicais.

## Ideias religiosas

“O fato de você ter projetado a terra no céu induziu talvez os homens a ter confiança em construir novas torres ou mais uma vez ameaçar a Deus?”<sup>21</sup> A passagem pertence à obra de John Donne. Trata-se de uma questão levantada por Loyola referindo-se a Copérnico, citada por Ginzburg. Com base nisso, ao se traçar um quadro religioso pode-se dizer, inicialmente, que a Inglaterra do século XVII, de acordo com Hill, era caracterizada pela magia tendo seus próprios representantes. Essa marca influenciou homens como Francis Bacon, bem como a vida secular. O bom desempenho do meio capitalista, por exemplo, dependia, sobretudo, de interferências milagrosas e mágicas.

---

<sup>19</sup> HILL, 1987, p. 117-136.

<sup>20</sup> A história deste grupo aparecerá mais a frente no texto, mais especificamente, no tópico “Heresias radicais”.

<sup>21</sup> GINZBURG, 1989, p. 104.

O protestantismo vigente se opôs a todo tipo de magia existente e a própria doutrina da transubstanciação pregada pelo catolicismo romano. Essa postura fez com que os milagres aos olhos de materialistas e céticos se tornasse ultrapassado. Entretanto, levou algum tempo para que as classes mais inferiores fossem envolvidas por tais cogitações. Como consequência, adivinhos assumiram papel de padres, e as profecias e almanaques se proliferaram. Não era, então, possível distinguir o racionalismo de tais práticas, já que Newton, por exemplo, procurou demonstrar a existência de Deus através da ciência. Em outros termos, salientar o racionalismo em detrimento da magia, astrologia ou mesmo da alquimia, era inconcebível, pois Giordano Bruno e Kepler eram mágicos. Com isso, torna-se difícil, segundo Hill, isolar a história a ponto de se ignorar o princípio da ciência.

Mas o espírito de profecia que apareceu, por ocasião da Reforma, aboliu o papel intermediário entre Deus e os homens e enfatizou o pensamento individual. Essa mudança teve como efeito o aparecimento da figura do profeta na Inglaterra. Estes passaram a servir como intérpretes da Bíblia, bem como dos mitos e dos astros. Por outro lado, ao se voltar para os livros proféticos da Bíblia, a erudição protestante acabou por lançar as bases da ciência da profecia.<sup>22</sup>

Para Hill, longe de ser um bloco monolítico, a Bíblia exerceu papel preponderante por toda a sociedade Inglesa, principalmente na formação de opiniões e crenças. Em épocas e circunstâncias diferentes, pessoas de variadas classes passaram a vê-la de diferentes ângulos. Seu impacto fez surtir efeitos sobre diversas áreas como a literatura, a política, a agricultura, as relações sociais e, sobretudo, no pensamento religioso.<sup>23</sup> De acordo com o autor, “O acesso direto ao texto sagrado deu aos leigos uma sensação de segurança que antes lhes faltava [...]”<sup>24</sup>.

Todo esse acontecimento foi, em grande medida, facilitado com o advento da imprensa. Ao mesmo tempo em que espalhou diferentes tipos profecias, denunciou suas ambiguidades. Isso, por um lado, causou certo desconforto ao desmascarar uma liberdade, até então, calcada nas predições. Por outro, a profecia bíblica de cunho escatológico pautou a literatura, contribuindo para que o homem conhecesse os propósitos de Deus. Isso o livrou da predestinação garantindo-lhe a liberdade.<sup>25</sup> “Era, portanto, importante que as pessoas comuns pudessem ter o direito de ler e discutir a Bíblia: de decidir por si mesmas a não ‘acreditarem no que a Igreja acreditava’.”<sup>26</sup>

<sup>22</sup> HILL, 1987, p. 99-104.

<sup>23</sup> HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 24-26.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>25</sup> HILL, 1987, p. 104.

<sup>26</sup> HILL, 2003, p. 61.

Para Ginzburg, por exemplo, esses dois importantes acontecimentos foram fundamentais para Menocchio, sua personagem. Com a invenção da imprensa foi possível tanto comparar os livros com a oralidade tradicional quanto sistematizar suas próprias ideias. Com a reforma, mesmo que não tenha falado com uma autoridade maior, como um cardeal ou o papa, Menocchio teve coragem para falar de seus pensamentos com o padre local, afirmando e questionando, por exemplo: “o ar é Deus [...] a terra, nossa mãe”; “Quem é que vocês pensam que seja Deus? Deus não é nada além de um pequeno sopro e tudo mais que o homem imagina”; “Tudo o que se vê é Deus e nós somos deuses”; “O céu, a terra, o mar, o ar, o abismo e o inferno, tudo é Deus”; “O que é que vocês pensam, que Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria?...”<sup>27</sup>

Isso quer dizer que o fim do monopólio dos eruditos sobre a escrita e do clero sobre a religiosidade se transformou em uma nova situação.<sup>28</sup> Esse tipo de decisão no território inglês causou grande movimentação, em grande medida, por meio das seitas compostas por uma classe mais inferior. Por este motivo, tais seitas, caracterizadas por um ceticismo e um anticlericalismo, foram consideradas heréticas, assim como Menocchio.

Lutaud, em sua pesquisa acerca da intelectualidade das heresias, observa entre elas alguns pontos em comum. O primeiro, mostra que há uma reivindicação por liberdade de expressão unida por dois aspectos. O aspecto formal que diz respeito à liberdade de imprensa, e o aspecto essencial, que se traduz como princípio de tolerância religiosa. O segundo ponto, derivado de ideias recebidas, diz respeito à presença de antidogmatismo e anticlericalismo sistemático, estando, portanto, de acordo com o pensamento de Hill. Isso põe em xeque, por um lado, a autoridade católica que se apresenta como autoridade enquanto Igreja e reivindica o direito de guardiã da tradição apostólica descrita no cânon. Por outro, os protestantes que monopolizam a interpretação dos livros sagrados a que o fiel tem acesso, embora dificilmente encontre espaço para fazer comentário.

Baseado nisso, o autor concentra três ideias arroladas com a Reforma, referentes às transformações desencadeadas nessa ocasião e que estão relacionadas com o que foi citado na introdução. São elas, a ideia de liberdade cristã, a ideia de igualdade cristã e uma ideia mais revolucionária, cujo objetivo seria uma irmandade dentro do clima da Reforma. Essa irmandade seria constituída, num primeiro momento, por seitas do período medieval e continuada pelos lolardos, husitas e anabatistas.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> GINZBURG, 1995, p. 44.

<sup>28</sup> Ibid. p. 33.

<sup>29</sup> LUTAUD, O. Entre racionalismo y milenarismo durante la revolucion de Inglaterra. In: LE GOFF, Jacques (Comp.). *Herejías e sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. México: Siglo Veintiuno, 1962. p. 272-277.

## Heresias de classe inferior

De fato, como esclarece Hill, na ocasião havia grupos vistos como seitas. Os *anabatistas* e os *familistas* descendentes dos lolardos. Uma espécie de versão popular de John Wyclif. Um grupo com ideias *separatistas*, e outros considerados *puritanos*.

Os *anabatistas* se opunham diretamente à Igreja nacional por meio de sua principal doutrina que consistia na não aceitação do batismo de crianças. Este ato deveria partir do próprio fiel em sua fase adulta e através de ato voluntário. Com tal pensamento, propunham a formação de congregações independentes, constituídas apenas por eleitos. Eram também contra o direcionamento dado ao dízimo para fins de sustento dos ministros estatais. Em questões seculares, eram contrários à guerra e ao serviço militar, bem como ao juramento, uma vez que, em seu entendimento, uma cerimônia não podia servir para questões judiciais. Suas ideias igualitaristas eram tão respeitadas a ponto de seus membros não terem direito à propriedade privada.

O *familismo* se espalhou pela Inglaterra por intermédio de um marceneiro itinerante por nome Christopher Vettles. Também conhecidos como membros da Família do Amor, os familistas eram discípulos de Henry Niclaes, cuja ideia principal girava em torno das questões do céu e do inferno. Para estes, assim como o céu era sinônimo de alegria, o inferno era sinônimo de dor e pesar, sendo que ambos se encontrariam neste mundo. Uma das grandes ideias desse grupo apontava para a possibilidade de qualquer homem ter a oportunidade de resgatar, aqui na terra, a inocência perdida em função da queda, atingindo, assim, a perfeição de Cristo. Viviam em propriedades comuns e acreditavam que tudo era produzido pela natureza. O grande problema das autoridades de se livrarem desse grupo era evidente quando se prendia algum fiel. Eles não viam problema em renegar a religião, contanto que não abrissem mão de suas opiniões mais íntimas. Para os familistas, os ministros deveriam ser itinerantes assim como os apóstolos.

Um movimento caracterizado por uma postura iconoclasta contra a Igreja oficial foram os *separatistas*. Durante a década de 1640 era comum a prática de arrancar a divisória entre o altar e a parte onde ficavam os fiéis. As estátuas eram destruídas e os próprios altares eram profanados com a prática de batismo de animais. A oposição ao sacerdócio também era algo peculiar a este grupo. O povo prestava queixa contra a ganância de alguns ministros e a postura mundana de teólogos recém-formados pelas universidades.

Quanto aos *puritanos*, pairava entre seus pregadores a ideia de que a causa do Parlamento, na realidade, era de Deus. Em contrapartida, comparavam o reinado de Carlos I ao reinado do Anticristo. Na guerra contra o “Anticristo”, alguns se consideravam eleitos de Deus, pois eram descendentes de mártires

dantes executados pela rainha Maria. Suas convicções eram tão fortes que sustentavam a ideia de que, nessa luta, a classe popular desempenhava papel mais importante que a classe dominante. Pregavam com tamanha convicção a proximidade do fim do mundo, a ponto de interpretar a guerra civil como o início de uma série de cataclismos.<sup>30</sup>

O que foi exposto até aqui, de acordo com o autor, parece objetivar um ponto comum. Tudo indica que as questões levantadas pelos grupos fazem alusão à ideia do pecado e do inferno, já que agora seus membros se sentiam livres para tecerem suas próprias opiniões.

Para Hill, a questão do pecado esteve presente em inúmeras religiões e, ao mesmo tempo, vista como algo incontrollável. Com base nesse pensamento, a felicidade estava reservada para além da vida, uma vez que os sacramentos estabelecidos não davam conta do problema. Com essa ideia as heresias inferiores defendiam a salvação para todos, contanto que fossem adeptos de algum grupo.

O inferno seguiu, por assim dizer, as mesmas vias pelo fato das ideias de pecado e queda serem questionadas. Diante da dúvida, sobretudo acerca do pecado, o inferno ficou fora do âmbito sagrado. No entanto, com essa nova visão, alguns se sentiam aliviados por serem eleitos, mas outros, ao contrário, eternamente condenados. Esses pensamentos passaram a circular enfaticamente no meio popular após a abolição do purgatório por ocasião da Reforma protestante. Com isso, todo homem se defrontava com duas condições: a vida ou a condenação eterna. Claro que tais questionamentos contrariavam totalmente os dogmas da Igreja oficial.<sup>31</sup> A solução seria, então, responsabilizar alguém pelo pecado e, conseqüentemente, encontrar uma saída psicológica para a questão do inferno. Apesar disso, em detrimento dessa facilidade, uma moralidade começou a ser construída no interior de alguns grupos considerados mais radicais.

## **Heresias radicais**

As ideias desses grupos, além de confrontar a Igreja estatal e seus líderes, colocavam em jogo a própria ética protestante. Para Hill, tais grupos estiveram a ponto de virar o mundo de ponta-cabeça. Eram eles: Os *seekers*, do verbo *to seek* (procurar, buscar); os *ranterers*, derivado do inglês *rant* (arengar, discutir e disputar); e os *quakers*, de *quaking* (tremor).

Os *seekers* surgiram diante de uma liberdade de escolha proporcionada pela Reforma. Esse entusiasmo predominante fez com que alguns passassem de uma seita à outra, mas com certa postura crítica diante de todas elas. As-

<sup>30</sup> HILL, 1987, p. 42-50.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 156-175.

sim, alguns que dantes iniciaram suas vidas espirituais como presbiterianos ou anabatistas, passavam a ser *seekers*. Doutrinas acerca de batismos ministrados em adultos ou em crianças, ou mesmo questões sobre a autoridade eclesiástica eram temas comuns para discussões. Nem mesmo as formas de culto e os sacramentos ficaram de fora, pois toda essa busca frente à expectativa do fim do mundo não deixava alternativa, a não ser suspeitar de tudo que existia.

Os *ranterers* formavam um grupo religioso composto de itinerantes livres, contrários à tradição e, ao mesmo tempo, orgulhosos de sua impiedade. Há documentos que registram que para esse grupo não havia juízo nem ressurreição. Nesse sentido, o pecado não era tão abominável. A vinda de Cristo significava uma vinda em espírito no coração dos homens. A partir de então, precisariam mais de socorro externo como comunhão ou estudo da Bíblia. Acreditavam na união com a humanidade e com toda a criação, tanto que, ao se cumprimentarem, diziam: “criatura minha igual”. Com este panteísmo materialista negavam que Deus estivesse no céu e os homens aqui, separados Dele. Deus não era um mandão, mas membro da comunidade “minha carne uma”. Por isso, os homens não tinham de sofrer aqui na expectativa de uma recompensa vindoura, pois, se a matéria era boa, deveriam viver o aqui e agora. Os *ranterers* deram muita atenção para a questão do mal, colocando a onipotência de Deus em questão. Em outros termos, a existência do pecado deveria estar vinculada à criação. O juízo não passava de uma invenção, um argumento utilizado para amedrontar os homens.<sup>32</sup>

O movimento *quacre* na história está ligado diretamente ao nome de George Fox. De acordo com Hugh Ormsby-Lennon, Fox apareceu em meados de 1640 como um peregrino *seeker*.<sup>33</sup> Para Hill, embora a história do movimento *quacre*, anos mais tarde, viria a se confundir com a história de Fox, este movimento se iniciou a partir dos *ranterers*.<sup>34</sup> Apesar de Hill se basear em panfletos em suas pesquisas, muito do que se sabe sobre o quacrismo deve-se ao *Journal* de Fox. É que o *Journal* estava mais voltado a exortações devotas. Questões, por exemplo, sobre a irritação que ele despertava em alguns ou o grande número de conversões ao ouvi-lo, ficam sem resposta. Ainda assim, há no *Journal* uma provocação dirigida aos *quacres*, chamando-os de “vadios de cabeça redonda”. O fato é que seu radicalismo é patente, e isso, aparece, em grande medida, nas próprias palavras de Fox registradas em: *Fox, Gospel-Truth Demonstrated (1706)*, p. 6: “Ó grandes e ricos da terra! Chorai e gemei: vossa

<sup>32</sup> HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça*. p.184-207.

<sup>33</sup> ORMSBY-LENNON, Hugh. Do xibolé ao apocalipse: Falares quacres durante a revolução puritana. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: Unesp, 1993. p. 102.

<sup>34</sup> HILL, 1987, p. 229.

miséria está chegando ... O fogo já foi ateadado, o Dia do Senhor já desponta, dia esse de gemidos ... Toda a arrogância dos homens deve ser deposta”<sup>35</sup>.

Uma comissão para propagação do evangelho no Norte fez com que os *quacres* entrassem nessa região como representantes do governo sob proteção militar. Esse movimento fez com que acabassem conquistando a simpatia do exército, já que não eram contrários à autoridade dos pais. Ali travaram conflito com o clero por algumas questões como, por exemplo, a coleta de dízimos e as grandes igrejas. Nessa parte da Inglaterra, por volta de 1650, os *quacres* ou “Sociedade dos Amigos”, como eram também conhecidos, foram se definindo cada vez mais enquanto grupo. Foi nesse mesmo tempo que suas doutrinas foram se tornando claras, o que fez com que passassem a ter uma postura mais defensiva. Assim, eles não negavam a existência de Deus ou do Jesus histórico, e nem mesmo o céu e o inferno como coisas reais. Não esperavam que todos fossem capazes de atingir a perfeição aqui na terra.

Apesar disso, em 1657 ainda havia a insistência de igualar os *quacres* aos *ranterers*. De acordo com a afirmação de um inglês por nome Thomas Collier, os princípios dos *ranterers* eram idênticos aos dos *quacres*. Porém, segundo Hill, essa associação partiu dos inimigos dos *quacres* para que perdessem o crédito. No início dos anos de 1650, algumas crenças foram a eles atribuídas, dentre as quais: A Bíblia não é o verbo de Deus; O Jesus que foi crucificado não satisfaz a justiça divina concernente ao pecado; os corpos não ressuscitarão; Jesus não ascendeu aos céus.<sup>36</sup>

Uma síntese a partir de Ormsby-Lennon, no sentido de contextualizar os *quacres*, leva a concluir que o que colaborou para o aparecimento de tantas expectativas e incertezas, foi a execução de Carlos I em 1648. Para alguns, era o presságio da volta do rei Jesus e, para outros, um mistério. Porém, cada vez mais as seitas procuravam respostas por meio de interiorização. Nesse clima, a Inglaterra iniciou o ano de 1650 entre contendas e com pessoas cada vez mais perdidas diante de tantas opções. Com essa concorrência, os Amigos se sobressaíram por meio do convencimento.

Ao chegar a Londres a Sociedade dos Amigos ficou conhecida como um grupo de lavradores nortistas habituados a grosserias e com ideias bastante rústicas. Todavia, a marca radical, por assim dizer, que os diferenciou dos demais grupos não se restringiu ao confessionalismo ou a religião. O que de fato os fez singulares não foram suas doutrinas, e sim, seu xibolé. A despeito de qualquer indivíduo e independente da educação ou hierarquia, ao invés

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 231.

<sup>36</sup> Ibid. p. 228-234.

de “você”, os *quacres* usavam a forma de tratamento “tu” e “ti”<sup>37</sup>. A título de exemplo, como escreveu o próprio Fox no *Journal* de 1649: “Quando o Senhor me mandou a este mundo, proibiu-me de tirar o chapéu para qualquer um; e exigiu de mim que usasse ‘tu’ e ‘ti’ para todos os homens e mulheres, sem qualquer diferença para ricos e pobres, pequenos ou grandes”<sup>38</sup>.

Para Lennon, ainda que o quacrismo não tenha sido o único fenômeno do cristianismo, nunca outro grupo foi tão estudado como este. O desafio lançado pela Sociedade dos Amigos por meio de uma língua pura e única foi um acontecimento de grande repercussão. Em outros termos, a dialética entre os falares quacres desencadeou durante a Revolução Puritana, segundo o autor, uma “revolução”, sobretudo, semiológica e linguística.<sup>39</sup>

### Considerações finais

A grandeza e força desse acontecimento se fizeram bem presentes e próximos à nobreza. Isso, talvez, se explique pelo fato de existir certa lógica que, no contexto, fazia sentido. Caso contrário não teria causado tanto incomodo. Assim se compunha um cenário, tendo, de um lado, os *levellers* e os *diggers*, voltados mais a objetivos políticos; de outro, ocupados com questões religiosas, além das tradições mais populares, os *seekers*, os *ranter*s e os *quacres*. Mas todos eles tinham algo em comum, isto é, uma grande hostilidade para com as formas hierárquicas, tanto políticas quanto religiosas. Para Christopher Hill, além da Reforma, o cristianismo inglês conheceu um movimento cujas proporções só se verificaram, provavelmente, no processo de helenização.

De fato foi um grande acontecimento, pois imprimiu o caráter próprio da civilização grega em outras civilizações do mundo antigo. Foi nesse processo que o cristianismo encontrou a cultura helênica. Ainda que a religião tenha sido o ponto fraco do helenismo, o confronto deste com o judaísmo foi um fator crucial para sua história. Foi nesse choque que a cultura helênica forjou o cristianismo.<sup>40</sup> Tal fenômeno, em que o cristianismo sofreu influência da cultura grega, leva o nome de “helenização do cristianismo”. Este termo, que em certa medida encontrou lugar na missão aos gentios, indica um procedimento de elaboração de uma teologia cristã até a formulação do dogma trinitário e cristológico.

<sup>37</sup> ORMSBY-LENNON, Hugh. Do xibolé ao apocalipse: Falares quacres durante a revolução puritana. p. 111-113.

<sup>38</sup> Ibid. p. 106.

<sup>39</sup> Ibid. p. 139.

<sup>40</sup> TOYNBEE, Arnold J. *A herança dos gregos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. p. 57.

Por outro lado, o cristianismo também exerceu influência sobre a cultura helênica, possibilitando o surgimento de grupos minoritários se posicionando como cristãos. Ao contrário do fenômeno ocorrido na Inglaterra, na Antiguidade, a hostilidade partiu do grupo majoritário, posteriormente oficializado. Entretanto, é de se notar que, independente dessa manifestação de rivalidade, tanto na Antiguidade quanto na Modernidade houve, por parte dos grupos minoritários, um objetivo maior.

Qualquer imagem formada sobre o helenismo deve ter como ponto de partida Alexandre Magno. Sua conquista do Oriente se tornou um divisor de águas na história do mundo antigo, pois proporcionou uma situação cultural sem precedentes na antiguidade. Para os moldes da época, tal investimento tem alguma similaridade com o que hoje se entende por “globalização”, pois, em certa medida, promoveu a integração não só cultural, mas, também, política e econômica ao ultrapassar fronteiras.

Atualmente a teoria social trabalha com a hipótese de que a globalização seja a causa de uma provável crise de identidade cultural.<sup>41</sup> Considerando que o investimento de Alexandre, também, tenha sido um causador de crise, sobretudo com a fusão das culturas grega e oriental, tal objetivo se concentrou na busca de uma identidade. Isso não difere do momento atual, pois a globalização, além de um grande acontecimento, tem por trás o poder do sistema capitalista defendendo seus interesses. Ao que tudo indica, seu impulso tem alcançado as igrejas e, conseqüentemente, gerado crises entre seus fiéis. Assim como no passado, estes estão à procura de uma identidade, o que provavelmente seja a causa do aparecimento de pequenos grupos.

## Referências

BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 9.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508 p.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Instituto de Documentação. **Dicionário de ciências sociais**. Coordenação geral de Benedicto Silva. Rio de Janeiro: FGV, 1986. 1.422 p.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281 p.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 309 p.

---

<sup>41</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 14.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 641 p.

\_\_\_\_\_. **O eleito de Deus**. Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 279 p.

\_\_\_\_\_. **O mundo de ponta-cabeça**: Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 481 p.

LUTAUD, O. Entre racionalismo y milenarismo durante la revolucion de Inglaterra. In: LE GOFF, Jacques (Comp.). **Herejias e sociedades en la Europa preindustrial**, siglos XI-XVIII. México: Siglo Veintiuno, 1962. p. 263-281.

ORMSBY-LENNON, Hugh. **Do xibolé ao apocalipse**: Falares quacres durante a revolução puritana. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: Unesp, 1993. p. 101-152.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário Enciclopédico das Religiões**. v. II. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 261-290.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-62.

TOYNBEE, Arnold J. **A herança dos gregos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. 361 p.

Submetido em: 3-9-2013

Aceito em: 14-3-2014